



Incorporação nominal em Asuriní do Xingu

Antônia Alves Pereira

Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5167-9808>

antonia@ufpa.br

RESUMO

Neste artigo, analisamos o processo de incorporação nominal no Asuriní do Xingu (Tupí-Guaraní), mostrando como ele pode afetar a sentença em seus diversos níveis. Nessa língua, verbos transitivos e verbos intransitivos podem incorporar nomes. A operação de incorporação nominal pode apresentar resultados e funções distintas, conforme a natureza do nominal incorporado e do verbo hospedeiro. A incorporação de um nome não possuído¹ diminui a transitividade da sentença e altera o seu significado, o que está de acordo com efeitos da incorporação nominal amplamente difundidos pela tipologia linguística. Por outro lado, a incorporação de um nome inalienavelmente possuído, via de regra, não diminui a valência verbal, visto que nesse processo ocorre a ascensão do possuidor a sujeito ou a objeto, dependendo do tipo de operação realizada. Contudo, nesse tipo de incorporação, é possível que ocorra a alteração de valência quando a parte do nominal incorporado é correferente com o sujeito da oração. Além disso, é discutido o desaparecimento da distinção morfosintática entre verbos intransitivos ativos e intransitivos descritivos que foram derivados pelo processo de incorporação nominal.

PALAVRAS-CHAVE: Transitividade; Incorporação Nominal; Argumento; Asuriní do Xingu.

Noun incorporation in Asuriní do Xingu

ABSTRACT

In this article, we analyze the process of noun incorporation in Asuriní do Xingu (Tupí-Guaraní), showing how it can affect the sentence at its different levels. In this language, transitive verbs and intransitive verbs can incorporate nouns. Noun incorporation can present different results and functions, depending on the nature of the incorporated nominal and the host verb. The incorporation of a non-possessed noun decreases the transitivity of the sentence and changes the meaning of the construction, a fact which is in accord with effects of noun incorporation well-attested by linguistic typology. On the other hand, the incorporation of an inalienably possessed noun, as a rule, does not decrease the verbal valence, since in this process (depending on the type of operation performed) the possessor ascends to subject or object. However, in this type of incorporation, it is possible that valence change occurs when the incorporated noun is co-referent with the subject of the clause. In addition, we discuss the disappearance of the morphosyntactic distinction between active intransitive and descriptive intransitive verbs derived by noun incorporation.

KEYWORDS: Transitivity; Noun incorporation; Argument; Asuriní do Xingu.

¹ Um nome não possuído não aceita possuidor e pode constituir sozinho um SN.



1. Introdução

O conceito clássico de incorporação nominal, doravante IN, vem de Sapir (1911): combinação de uma raiz nominal com uma verbal, cujo resultado é um verbo derivado. A temática atualmente é debatida em diversos trabalhos teóricos, como em Mithun (1984), para quem a IN é um processo morfológico pelo qual se derivam itens lexicais, em Baker (1988), para quem a IN é um processo sintático do qual se derivam sentenças. Além disso, a temática também é debatida enfatizando diferentes aspectos, como (in)transitividade do verbo derivado, motivação da IN, tipo de argumento que pode ser incorporado e função discursiva.

Este trabalho tem como objetivo descrever o processo de IN em Asuriní do Xingu (Tupí-Guaraní), analisando os efeitos semânticos, morfológicos e sintáticos da sentença cujo núcleo seja um verbo derivado por incorporação. As descrições feitas no âmbito dessa família demonstram que o fenômeno IN é comum a línguas da família.

O trabalho foi feito com base na abordagem tipológico-funcional, tendo como embasamento teórico, entre outros autores, Sapir (1911), Mithun (1984), Gerdts (1988), Payne (1997), Hopper e Thompson (1980), embora se refira em alguns pontos a análises formais, como a abordagem apresentada em Baker (1988). Além disso, levou em consideração descrições e análises propostas para línguas da mesma família, entre elas: Emerillon (ROSE, 2003), Tenetehára (CASTRO, 2020) e Kamaiurá (SEKI, 2000).

Os dados utilizados foram coletados *in loco*, ao longo de nossas pesquisas junto ao povo asuriní, e são provenientes de narrativas míticas, experiência pessoal e conversas em contexto natural, sendo, posteriormente, testados junto aos falantes para fins de descrição.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, tratamos de aspectos tipológicos relacionados à IN. Na segunda parte, discutimos o processo de IN na língua. Finalmente, na última parte, apresentamos as considerações finais acerca da incorporação na língua.

2. Aspectos tipológicos da incorporação nominal

A incorporação nominal consiste na inserção de uma raiz nominal no interior do núcleo de um sintagma verbal, formando uma unidade complexa. Conforme Mithun (1984, p. 848), o nome incorporado mantém uma relação semântica com o verbo agregador, que pode ser de paciente, de instrumento ou de localização¹. Ainda segundo essa autora, a incorporação é o mais sintático dos processos morfológicos. Baker (1988) analisa esse fenômeno como o resultado do movimento de um núcleo para figurar em outro núcleo hierarquicamente superior, sendo assim, uma operação sintática. Para Baker et al.:

a incorporação nominal é o fenômeno pelo qual um nominal que de outra forma teria uma relação gramatical com o verbo (como objeto direto) é expresso não como um sintagma nominal indepen-

¹ “The term ‘incorporation’ is generally used to refer to a particular type of compounding in which a V and N combine to form a new V. The N bears a specific semantic relationship to its host V – as patient, location, or instrument” (MITHUN 1984, p. 848).

dente, mas sim como uma raiz morfológica que é integrada ao verbo flexionado para formar uma espécie de forma composta. (2005, p. 138, tradução nossa)²

A classificação tipológica proposta por Mithun (1984, p. 848) apresenta quatro tipos de incorporação, cada um com especificidades e propósitos distintos. Em conformidade com a autora, em um estudo sincrônico, uma língua pode ou não apresentar os quatro tipos de incorporação ao mesmo tempo, sendo que a existência de um determinado tipo pode pressupor a existência de outro.

Após o processo de incorporação, tem-se uma palavra formada, na maioria das vezes, por um verbo e por um nome³, constituindo uma unidade complexa ou um verbo derivado que agrega à sentença o peso da junção de duas palavras, por exemplo, nome e verbo, para exprimir um único conceito e relacionar-se com os demais elementos da sentença de forma coerente. Essa operação exige uma série de ajustes na sentença, forçando alterações em seus arranjos e configurações. O verbo formado pelo processo derivacional da IN, morfossintaticamente, funciona como outros verbos da língua que pertençam à mesma classe. Entretanto, algumas mudanças são observadas no nível da sentença entre uma estrutura incorporada e outra não incorporada, conforme a natureza do elemento incorporado e o tipo de verbo incorporador.

Um nome com potencial para ser incorporado mantém uma relação semântica mais próxima com seu verbo hospedeiro que os nomes em geral, embora ambos possam desempenhar a mesma função, como objeto direto em sentença transitiva. A razão para isso reside no fato de a incorporação nominal obedecer a restrições semânticas, ou seja, nem todo nome pode ser incorporado, é necessário que guarde relação semântica com o verbo que irá hospedá-lo. Além disso, no conjunto dos nomes que têm potencial para ser incorporados, há aqueles que são mais incorporáveis que outros. Tipologicamente, os nomes mais genéricos tendem a ser mais incorporáveis que aqueles mais específicos. Mardirussian (1995, citado em Gerdts, 1998, p. 85, tradução nossa) propõe uma hierarquia para a incorporação nominal, que vai dos nomes mais incorporáveis aos menos incorporáveis: “Nomes inanimados são mais incorporáveis que nomes animados e que os nomes não humanos, estes, por sua vez, são mais incorporáveis que os nomes humanos”⁴. Segundo Gerdts, essa hierarquia reflete a característica central que tem o nome animado no discurso. O nome que desempenha o papel semântico paciente é tipologicamente o mais incorporado. Conforme Mithun (1984), as línguas não incorporam o papel semântico agente.

² “Noun incorporation is the phenomenon in which a nominal that would otherwise bear a grammatical relation to the verb (such as direct object) is expressed not as an independent noun phrase, but rather as a morphological root that is integrated into the inflected verb to form a kind of composite form.”

³ A incorporação de um nome ao verbo é o tipo de incorporação mais comum. Entretanto, outras categorias também podem ser incorporadas.

⁴ “Inanimate nouns incorporate more readily than animate nouns, and than nonhuman animate nouns incorporate more readily than human nouns.”

No que tange à morfologia, o verbo derivado se comporta analogamente a um verbo de estrutura simples, ou seja, sem incorporação. Song (2012, p. 187, tradução nossa)⁵ se refere a esse processo nos seguintes termos: “Quando um dos argumentos da oração é incorporado ao verbo, o verbo derivado pode funcionar como uma única palavra, passando por todos os processos fonológicos internos da palavra”. Entretanto, o nome incorporado perde definitude, número e marca de caso, sendo essa a razão pela qual, dependendo do tipo de incorporação, um novo elemento pode ocupar a posição deixada vazia diante da incorporação de um nome, assumindo o caso e passando a desempenhar a função de objeto direto ou de sujeito, conforme a operação realizada. Dessa maneira, os nomes incorporados tendem a ser não referenciais, serem inanimados e não individualizados (HOPPER e THOMPSON, 1980).

Sintaticamente, o nome na função de objeto é o mais propício à incorporação (MITHUN, 1984 e BAKER, 1988). Dessa maneira, se em uma língua é encontrado o processo IN, necessariamente terá o nome como elemento incorporado. E caso a língua apresente a incorporação de sujeito, este será S e não A. Após a incorporação, a posição do elemento que se incorporou fica vazia, podendo ou não ser preenchida, dependendo da natureza do termo incorporado e do verbo incorporador, provocando alterações estruturais e funcionais na sentença. Se a posição deixada vazia, mediante a incorporação do nome ao verbo, continuar vazia, o verbo altera sua valência, já que houve a diminuição de um de seus argumentos nucleares, fazendo com que ele se passe a monovalente, exibindo apenas um argumento; mas se a posição for preenchida, não haverá diminuição de valência.

As línguas que apresentam a incorporação nominal, conforme Mithun (1984, p. 848) apresentam também uma estrutura correlata com a realização do elemento nominal, ou seja, uma estrutura em que o nome apareça sem incorporação. Entretanto, o uso de uma construção incorporada ao invés de sua correlata não incorporada cumpre a propósitos comunicativos de seu usuário. Dessa maneira, uma estrutura incorporada e sua contraparte não incorporada não são equivalentes, ou seja, uma não contempla a função da outra.

Segundo Mithun (1984, p. 856), de uma forma geral, as construções com IN podem designar ou ser: 1) afirmações genéricas; 2) descrições de atividades em processo nas quais o paciente não está sendo afetado de forma completa; 3) atividades habituais nas quais o paciente específico pode mudar; 4) atividades projetadas nas quais o paciente específico ainda não é identificável; 5) atividades coletivas em que um agente individual não afeta de forma completa o paciente; ou 6) atividades direcionadas para uma porção não específica de uma massa.

A incorporação obedece a restrições que são variáveis de língua para língua, apesar de ela apresentar características comuns observáveis em qualquer língua que possua estruturas incorporadas, como é o caso de os nomes inanimados serem mais incorporáveis que os animados, e a função sintática objeto mais que a função sintática sujeito.

⁵ “When one of the arguments of the clause is incorporated into the verb, the resulting larger derived verb stem may function as a single word, undergoing all word-internal phonological processes.”

3. Incorporação nominal em Asuriní do Xingu

A posição ideal de ocorrência da incorporação do nome ao verbo em Asuriní do Xingu, língua SOV, é imediatamente antes da raiz verbal, resultando desse processo um verbo derivado.

- (1) *kujĩ* *u- 'y - 'u*⁶
mulher 3- água -ingerir
'a mulher bebeu água'
- (2) *ga* *i-fũ-puku*
3SG.M 3- dedo comprido
'ele tem dedo comprido'
- (3) *kudjemaè* *u-yvyra-mabaka*
homem 3- madeira- cortar
'o homem cortou madeira/lenha'

Essa posição de ocorrência apresenta-se de acordo com a análise de Dietrich (2010) para línguas Tupí-Guaraní e em conformidade com a restrição universal de Baker (1988), apesar de esta restrição não se manter em muitas línguas. Mori Corbera (2014, p. 17) sustenta que os elementos incorporados não apenas precedem, mas também seguem a raiz verbal. O autor mostra a ocorrência da incorporação nominal depois da raiz verbal em diversas línguas, entre elas Mapudungun, Nanti, Apurinã e Yine. Portanto, é possível que ocorra a incorporação antes ou depois da raiz verbal, independentemente de a ordem dos constituintes ser SOV.

Neste estudo, partindo de tendências universais que caracterizam a IN, apresentamos como o Asuriní do Xingu se alinha com as propostas apresentadas pela tipologia linguística, os efeitos da IN na língua, as especificidades do fenômeno nessa língua e como se relaciona com análises do fenômeno em línguas da família Tupí-Guaraní.

Em Asuriní do Xingu, o tipo de nome incorporado e a raiz hospedeira podem acarretar processos ou tipos distintos de incorporação que provocam diferentes efeitos na estrutura e funcionamento da sentença, conforme poderemos verificar mais à frente.

Semanticamente, os nomes mais incorporáveis são os possuídos, embora o fato de ser alienável ou inalienável não seja por si uma condição para o nome ser incorporado, já que certos nomes alienáveis e inalienáveis não aparecem incorporados. Nesse ponto, é relevante destacar que a IN, assim como outros recursos linguísticos, é utilizada por necessidade de seus falantes para cumprir uma função específica na língua, não sendo criada ao acaso ou pelo simples fato de a estrutura da língua permitir. Dessa maneira, sustenta-se que mesmo a língua apresentando

⁶ Abreviaturas e convenções: A=Sujeito de sentença transitiva, GN=Genérico, LN=Locução nominal, NPR=Nome próprio, M=-Masculino, O=Objeto, PART=Partícula, PL=Plural, POSP=Posposição, REFL= reflexivo, REL=Prefixo relacional, Sa=Sujeito de sentença intransitiva ativa, SG=Singular, SN=Sintagma nominal, So=Sujeito de sentença intransitiva descritiva, VE=Verbo descritivo, 1=1ª pessoa, 2=2ª pessoa, 3=3ª pessoa.

condições estruturais para a ocorrência de dado fenômeno linguístico – nesse caso específico da IN –, é possível que ele não seja utilizado na língua por não ser necessário, ou seja, se uma língua já apresenta uma dada forma para expressar um dado conteúdo e/ou função, normalmente os seus usuários não criam outra forma expressando o mesmo significado, pois em uma língua, geralmente, nova forma é criada quando existe a necessidade de expressão de seus usuários para a qual as formas existentes já não correspondem exatamente às suas necessidades comunicativas, seja pelo desgaste da forma, seja pela intensidade etc...

Nessa língua, um verbo hospedeiro pode ser transitivo ou intransitivo, sendo relevante para a sua configuração os resultados que são obtidos a partir de um ou de outro tipo verbal em conexão com a semântica do nome incorporado. Os nomes incorporados podem ser aqueles que desempenham a função de sujeito ou a função de objeto. O nome que desempenha a função de objeto direto tem maior propensão a ser incorporado que aquele que desempenha a função de sujeito, o que está de acordo com os estudos tipológicos envolvendo a temática. A seguir, discutimos essas questões partindo da análise da IN a diferentes tipos verbais.

3.1. Incorporação a verbos transitivos

Em Asuriní do Xingu, a verbo transitivo somente é possível a incorporação de nome que figure em um sintagma nominal (SN), desempenhando a função de objeto direto, não sendo possível a incorporação de nomes que formam SN cuja função seja sujeito de sentença transitiva (A). Essa restrição encontrada na língua está em conformidade com a tendência linguística segundo a qual o nome, na função de objeto direto, é o mais incorporável, e é baseada na semântica dos nomes, que aponta a função paciente como prototípica para assumir o papel sintático de objeto, ou seja, o papel semântico paciente e o papel sintático objeto são por excelência os papéis mais incorporados.

3.1.1. Incorporação de nomes não possuídos

Os dados abaixo ilustram como se dá a incorporação de nomes não possuídos a verbo transitivo.

(4a) *kudjema'é* 'y u-'u
 homem água 3-ingerir
 'o homem bebeu água'

(4b) *kudjema'é* u- 'y - 'u
 homem 3- água -ingerir
 'o homem bebeu água'

(5a) *kudjema'é* yvyra u-mabaka
 homem lenha 3- cortar
 'o homem cortou madeira/lenha'



- (5b) *kudjema'e* *u-yvyra-mabaka*
 homem 3- madeira- cortar
 'o homem cortou madeira/lenha'

Nos exemplos (4b) e (5b), respectivamente, os verbos -'u e -*mabaka* são transitivos e incorporam os nomes -'y 'água' e *yvyra* 'madeira', que são nomes não possuídos. Esse tipo de IN corresponde ao tipo I, composição lexical, na classificação proposta por Mithun (1984). A composição lexical reduz a saliência do nome e a valência do verbo na estrutura incorporada ao transformar predicados transitivos em intransitivos. Segundo essa autora, o resultado desse processo de incorporação é um composto que descreve uma atividade especializada. Percebe-se nos referidos exemplos que nomes e verbos não são concebidos separadamente nessas estruturas: um integrou-se totalmente ao outro pelo uso cristalizado. Nessa situação, é natural que surjam novos efeitos semântico-sintáticos nas construções, forçando um rearranjo estrutural da sentença para atender a nova funcionalidade do complexo verbal que integrou nome e verbo.

Os verbos -'u em (4a), e -*mamaka* em (5a) selecionam dois argumentos nucleares: um SN sujeito e um SN objeto. Em (4b) e em (5b), os argumentos 'y e *yvyra*, respectivamente, são incorporados ao verbo. Após esse processo, a transitividade desses verbos é reduzida e eles tornam-se monovalentes, sendo removidos os argumentos objeto, passando as sentenças a figurar com apenas um argumento nuclear, Sa. Esses efeitos advindos da IN estão de acordo com o que propõem autores como Creissels (2016), Dixon e Aikhenvald (2000) e Payne (1997), para operações envolvendo a incorporação de nomes a verbos. O nome incorporado perde o *status* de argumento interno do verbo, passando a compor o complexo verbal. Na estrutura da sentença, resta um verbo derivado, composto por sua forma básica e um nome incorporado: juntos passam a designar um novo evento que envolve propriedades do nome incorporado e propriedades do verbo hospedeiro. A relação semântica estabelecida entre o nome na função de objeto e seu verbo hospedeiro é de paciente. Diante disso, tem-se um verbo derivado que passou a denotar uma atividade em (4b) e em (5b), comprovando que a incorporação afeta também a semântica verbal. Dessa forma, a IN fornece um mecanismo de codificação para novos significados na expansão conceitual de inventário de uma comunidade de fala, conforme sustenta Mithun (1984).

3.1.2. Incorporação de nomes possuídos

Os dados abaixo ilustram como ocorre o processo de incorporação de nomes possuídos a verbos transitivos:

- (6a) *dje* *r-yru*
 1SG REL-roupa
 'minha roupa'
- (6b) *myra* *t-yru* *u-mũmik*
 NPR 3-roupa 3-roupa- costurar
 'Myra costurou roupa'

(7a) *mytũ* \emptyset -*pepa* *ere-va'a*
 mutum REL-pena 2-arrancar
 'você arrancou pena do mutum'

(7b) *mytũ* *ere-pepa-va'a*
 NPR 2-pena-arrancar
 'você despenou o mutum'

Os exemplos acima mostram que a incorporação do nome ao verbo transitivo ocorre de forma distinta e apresenta resultados diferentes, dependendo da natureza semântica do nominal incorporado. Dessa forma, a (in)alienabilidade dos nomes ocorre como um fator decisivo no que se refere aos efeitos advindos da operação de IN a verbos transitivos.

No exemplo (6c), o verbo *-mũmik* 'costurar' incorporou o nome *-yru* 'roupa'. Após a incorporação, o novo complexo verbal se apresenta intransitivizado de forma análoga à operação ocorrida com *-'u*, no exemplo (1). Após o processo de incorporação, o verbo derivado passa a funcionar como outros verbos pertencentes ao mesmo tipo verbal que se encontra numa forma básica. Entretanto, o nome incorporado perde definitude, número e marca de caso que o autorizavam, por exemplo, a funcionar como objeto direto.

No exemplo (7b), o verbo transitivo *-va'a* 'arrancar' incorporou o nome *-pepa*, que é possuído, tornando-se intransitivo após o processo de IN. Os dados mostram que um verbo transitivo ao incorporar um nome inalienavelmente possuído, cuja função desempenhada no SN era possuidor, muda as relações gramaticais deste com os demais elementos da cláusula. Conforme ilustram os exemplos (8a) e (8b), o possuidor passa à condição de argumento do verbo. Esse efeito também foi observado em outras línguas Tupí-Guaraní, como Guaraní (Velazquez-Castilho, 1996), Tenetehára (Campos, 2020) e Tupí, como o Mundurucu (Gomes, 2008). Esse fenômeno é conhecido na literatura linguística como ascensão do possuidor, que consiste na subida ou avanço de um argumento oblíquo para figurar numa posição de argumento nuclear, desempenhando funções de sujeito ou de objeto, dependendo do tipo de operação realizada. Esse tipo de IN é denominada por Mithun (1984) como manipulação do caso.

Nos dados abaixo, podemos conferir alterações formais e funcionais na sentença derivada por incorporação:

(8a) *apevu* *tadja'u* \emptyset -*txĩ* *u-mumuku*
 NPR porco REL-focinho 3-furar
 'Apevu furou o focinho do porco'

O nome-núcleo do SN genitivo, em (8a) é incorporado ao verbo no exemplo (8b). A posição ficou vazia. Diante disso, o possuidor ocupa essa posição, sendo promovido a objeto direto, como podemos ver:



- (8b) *apevu* *tadja'u* *u-txĩ-mumuku*
 NPR porco 3-focinho-furar
 'Apevu furou o porco no focinho'

No exemplo (8a), o nome *-txĩ* funciona como núcleo do objeto, é acompanhado do relacional \emptyset e do nome *tadja'u*; já no exemplo (8b), ele é incorporado, o possuidor *tadja'u* avança e ocupa a posição de objeto direto, deixada vazia mediante a incorporação do nome- núcleo *-txĩ*. Conforme se pode observar, o elemento que funcionava como possuidor no sintagma nominal, *tadja'u*, cujo núcleo foi incorporado, passa a funcionar como objeto direto, ocorrendo a ascensão do possuidor. Nesse caso, não há mudança de valência, mas rearranjo de seus elementos estruturadores. O verbo mantém sua valência original e o possuidor passa a figurar com características semânticas prototípicas de objeto direto: i) alto grau de individuação; ii) afetação pela ação verbal, sendo o participante mais afetado; e iii) alto grau de saliência ou proeminência. Na estrutura incorporada, o foco da informação está sob o todo, o dono do focinho: *tadja'u* em (8b), que é a entidade afetada pela ação verbal, e não sob a parte do corpo que foi furada, o nome *-txĩ*, como ocorre na estrutura não incorporada em (8a). Dessa maneira, alterações são percebidas também no plano da significação da sentença.

No exemplo acima, observa-se que ocorreu a ocupação da posição objeto. Assim, sintaticamente, a IN, no Asuriní do Xingu, pode desempenhar também uma função tipicamente aplicativa, ao promover um oblíquo a objeto, argumento nuclear.

Entretanto, é possível que haja a diminuição da transitividade mesmo diante da IN envolvendo nomes inalienavelmente possuídos. Essa possibilidade é vislumbrada diante da incorporação de um nome-núcleo, cujo possuidor seja correferente com o sujeito da oração. Nesse caso, o complexo verbal derivado recebe necessariamente o prefixo reflexivo *-dje*, tornando-se intransitivo.

- (10a) *dje* \emptyset -*pa* *a-kytxi*
 1SG REL-mão 1-cortar
 'eu cortei minha mão'

- (10b) *apevu* \emptyset -*pa* *u-kytxi*
 NPR REL-mão 3-cortar
 'Apevu cortou a mão dele'

- (10c) *apevu* *u-dje-pa-kytxi*
 NPR. 3-REFL-mão-cortar
 'Apevu cortou-se na mão'

O dado (10b) tem como foco o corte que Apevu sofreu, que constitui o objeto direto da sentença, já o dado (10c), chama mais atenção para o dono do corte, indicando a localização.

Observa-se que em todos os casos de incorporação nominal apresentados acima, a marca de concordância de pessoa junto ao verbo é feita com a série de prefixos que assinala concordância ativa. Mais à frente, voltaremos a essa questão, após analisarmos a IN a verbos intransitivos.

3.1.3. Incorporação das formas genéricas *mama'è* e *furu*

Em Asuriní do Xingu, além da incorporação de nomes a verbos transitivos, há duas formas genéricas que também podem ser incorporadas nesse tipo verbal. Trata-se das formas: *mama'è* e *furu*, as quais possuem, respectivamente, traduções análogas aos nomes ‘coisa’ e ‘gente, humano’ em português; seus cognatos são encontrados em um número significativo de línguas Tupi-Guaraní para as quais se tem alguma descrição. A seguir, tratamos da incorporação de *mama'è*.

(11a) *mypikudja reme gy u-apa*
 pulseira PART 3PL 3-fazer
 ‘eles faziam pulseiras das antigas (ao modo antigo)’

(11b) *pe-mama'è-apa*
 2PL-GN-fazer
 ‘façam (alguma) coisa/algo’

Os dois dados acima foram retirados de uma conversa em que um ancião da comunidade falava sobre a importância de manter a língua e a cultura asuriní, sendo o aprendizado e cultivo de ambas as condições para continuarem existindo. O exemplo (11a) é parte de um enxerto em que narra o que faziam as pessoas da geração dele para mantê-las. Na sequência da conversa, ele fala das muitas influências a que a nova geração está exposta, e no exemplo (11b) faz o apelo *pe-mama'è-apa*, ‘façam algo, alguma coisa’, no sentido de súplica para darem continuidade às tradições culturais de seu povo. Por meio desse dado, podemos observar que o falante não especifica o objeto que será afetado com a ação de fazer. Com isso, percebe-se que o foco da informação está na realização do ato ‘fazer algo’, sem discriminar o que, visto que essa informação já é conhecida do interlocutor, pois já foi proferida no discurso. Assim, ele volta ao discurso e apela, fazendo uso da forma genérica, tentando convencer a população a fazer alguma coisa, a fim de que a língua e a cultura permaneçam vivas. Nessa situação, não há necessidade de discriminar o que deve ser feito, pois pode-se depreender, pelo contexto, que esse fazer alguma coisa se refere a fazer o que os antigos faziam: fazer pulseiras utilizando o mesmo *modus operandi*, utilizar a língua materna na comunidade etc...

Gramaticalmente, pode-se perceber que em (11a) *-apa* ‘fazer’ apresenta uma estrutura com dois argumentos: um sujeito *gy* e um objeto *mypikudja*. Quando ocorre a incorporação de *mama'è* ao verbo, este tem sua transitividade reduzida de forma análoga à incorporação do tipo I. Entretanto, os propósitos desses dois tipos de incorporação são distintos: a Incorporação com *mama'è* recupera a informação de um SN ou de um assunto que já foi referido no discurso, por isso, já conhecido do interlocutor, precisando apenas ser reativado, diferentemente da IN composto lexical em que o verbo passa a designar uma nova atividade. A incorporação com *mama'è*

conta com a colaboração do interlocutor, no sentido deste ser capaz de recuperar uma informação já dada no discurso, enquanto o composto lexical cria uma nova significação para a palavra ao fundir nome e verbo, isto é, um novo conceito é criado a partir da junção dessas duas palavras.

A forma *furu*, de maneira análoga à *mamaé*, quando incorporada ao verbo, reduz sua valência e ele passa a requerer apenas um argumento nuclear. Entretanto, diferentemente desta última forma, a incorporação de *furu* não recupera informações já produzidas no discurso, ela funciona para especificar o escopo do alcance verbal, no sentido deste contemplar a categoria humana sem a necessidade de individualizá-la, isto é, esse tipo de incorporação permite qualificar o evento verbal para contemplar o papel paciente humano. Nesse sentido, *furu* é uma forma genérica por se aplicar a toda uma categoria. Os dados ilustram essa situação:

(12a) *dje* *djakare* *a-‘u*
 1SG jacaré 1-comer
 ‘eu comi jacaré’

(12b) *ka‘i* *u-furu-‘u*
 macaco 3- GN-comer
 ‘macaco come (gente)’

(12c) *maia* *u-furu-mamaka*
 cobra 3- GN-morder (gente)
 ‘cobra morde (gente)’

Conforme se pode observar em (12a), o verbo -‘u requer dois argumentos nucleares: um sujeito e um objeto. Quando ocorre a incorporação de *furu* em (12b), a única posição nuclear ocupada é a de sujeito; o escopo verbal não alçaria um objeto assim como em (12a).

A Incorporação de *mamaé* e *furu* sugere que a individuação do nome a que esses termos fazem referência não tem relevância para a discussão, podendo, portanto, ser generalizada, ou seja, formas como estas mostram um baixo grau de individuação do nome que é referido pela forma genérica. Isso pode ocorrer, entre outras razões, porque o nome já pode ter sido referido no discurso, portanto conhecido dos interlocutores, como no caso (11b), e porque pode não haver necessidade de especificar a entidade envolvida no evento como em (12b).

Dessa maneira, a incorporação dessas duas formas segue o padrão proposto por Jensen (1999, p. 159) para línguas Tupí-Guaraní. Nesse sentido, reduzem a valência de forma análoga à incorporação do tipo I.

3.2. Incorporação a verbos intransitivos

Na língua Asuriní do Xingu, conforme Pereira (2021), os verbos intransitivos estão divididos em duas subclasses: uma ativa e outra estativa ou descritiva. A primeira é codificada por prefixos da série I, analogamente à codificação de verbo transitivo quando não é rompida a hierarquia de

agentividade natural da língua, assinalando concordância ativa; já a subclasse estativa ou descritiva é codificada por pronomes pessoais em função clítica, assinalando concordância inativa.

Nessa língua, tanto So quanto Sa podem ser incorporados, destacando-se, contudo, que assim como a função O, essas duas funções também estão sujeitas a restrições. A seguir, vejamos exemplo de incorporação de sujeito a verbo intransitivo descritivo:

(13a) *ga* *Ø-fũ* *i-fuku*
 3SG REL-dedo 3- ser.comprido
 ‘o dedo dele é comprido’

(13b) *ga* *i-fũ-fuku*
 3SG 3- dedo-ser.comprido
 ‘ele tem dedo comprido’

Após a incorporação do nome *fũ* ‘dedo’, o verbo intransitivo *-fuku* ‘ser.comprido’ manteve sua valência. Contudo, são observadas alterações importantes na configuração da sentença derivada, isto é, na atribuição dos papéis semântico-sintáticos entre a sentença básica e a sentença derivada. Diante da incorporação do nome-núcleo do SN que funciona como sujeito, o possuidor preencheu a posição de sujeito deixada vazia e passou a funcionar como argumento nuclear. No exemplo acima, ocorreu a ascensão do possuidor *ga* ‘ele’ a sujeito. O termo incorporado ao fundir-se com o verbo perde o *status* de sujeito, o verbo derivado passa a conter uma propriedade descritiva do novo sujeito, há uma mudança no foco da descrição, o termo *-fuku* que na sentença básica fazia referência a uma parte do corpo, a *fũ*, passa a fazer referência ao sujeito *ga* na sentença derivada.

Além da incorporação de sujeitos a verbos descritivos, encontra-se na língua a incorporação de sujeito a verbos intransitivos que funcionam, primariamente, com codificação ativa.

(14a) *dje* *r-ea*
 1SG REL- olho
 ‘meu olho’

(14b) *dje* *r-ea -ata*
 1sg REL-olho-andar
 Lit: meu olho andou
 ‘eu desmaiei’

(15) *dje* *r-ea-vĩ*
 1SG REL-olho- girar
 LIT: meu olho girou
 ‘eu pisquei’



Nos dados acima, tem-se estruturas formadas por verbos, cujas formas sem incorporação nominal são acompanhadas de prefixos ativos ou nomes: *-ata* ‘andar, caçar’, *kudjemaè u-ata* ‘o homem caçou’ e *vĩ* ‘girar, cambalear’ *u- vĩ* ‘ele cambaleou’.

No que se refere à marcação de pessoa junto ao verbo, observa-se que após a incorporação do nome-núcleo do SN ao verbo, este, que na sua forma ativa funcionava com a série de prefixos que codifica sujeitos Sa e A na língua, passa a ser codificado por pronomes pessoais em função clítica, sendo acompanhado por relacional, analogamente à codificação de sujeito de sentença descritiva, So, como se pode ver abaixo:

(16) *dje* *r- upi’á*
 1SG REL- estar.grávida
 So VE
 ‘estou grávida’

(17) *dje* *r-u’i*
 1SG REL-estar.frio
 So VE
 ‘eu estou (com) frio’

(18) *pikiri* *i-fuku*
 NPR 3-ser.cumprido
 So VE
 ‘Pikiri é cumprida, alta’

Podemos observar que na ocorrência da incorporação de um nome a um verbo intransitivo ativo, a valência verbal é mantida da mesma forma que a IN a verbo intransitivo descritivo. Entretanto, pode-se observar uma importante distinção entre esses dois processos de incorporação: enquanto na IN a verbo intransitivo descritivo, a estrutura derivada continua funcionando com o mesmo índice de pessoa, ou seja, com concordância inativa, como vimos no dado (13b), a estrutura derivada de um processo de IN, cuja forma básica é um verbo intransitivo que funciona com concordância ativa, muda a marcação de pessoa junto ao complexo verbal, passando a ser codificado com concordância inativa da mesma forma que os verbos descritivos em suas formas básicas ou derivadas por IN (14b) e (15). Essa alteração na morfossintaxe da língua assinala alterações semânticas significativas, que precisam ser analisadas mais profundamente na língua. Entretanto, pode-se apontar, preliminarmente, como fator influenciador a atividade x inatividade dos dois tipos de construção. Os dados mostram que, após o processo de IN a um verbo ativo, tem-se um verbo que funciona como descritivo, no que se refere à descrição de uma atividade, ou seja, passa a fazer uma descrição do sujeito da oração. As construções intransitivas ativas, sem a IN, vistas sob a perspectiva de um *continuum*, são mais ativas que essas construções quando derivadas pelo processo da IN.

No que tange à comparação com outras línguas, Hopper e Thompson (1980) relataram que em muitas línguas que possuem IN e que também apresentam uma distinção morfológica entre predicados transitivo e intransitivo, os complexos verbais resultantes de IN são marcados com morfologia intransitiva. No caso do Asuriní do Xingu, como já visto, há uma cisão nos verbos intransitivos, em que verbos intransitivos ativos são codificados pelos mesmos prefixos pessoais de verbos transitivos, enquanto os intransitivos descritivos são codificados distintamente, o que faz com que a língua seja de estrutura ativo-estativa.

No caso da IN nominal a verbo intransitivo descritivo nessa língua, predomina a marcação dos verbos intransitivos descritivos, marcação inativa em oposição à marcação ativa da língua, inexistindo distinção na codificação de sujeito intransitivo advindo de verbo intransitivo com marcação ativa ou de verbo intransitivo com marcação inativa, antes do processo da IN. Assim, essa análise mostra que a IN proveniente de um verbo transitivo é distinta morfossintaticamente da IN proveniente de um verbo intransitivo. A inexistência de distinção na marcação de pessoa entre estruturas incorporadas provenientes de verbo intransitivo com concordância ativa e de verbo intransitivo inativo possivelmente pode ser explicada pelo fato de o resultado de a IN a verbo intransitivo ter como resultado uma construção mais descritiva que narrativa. Assim se explicaria a marcação inativa junto ao complexo verbal incorporado, mesmo que proveniente de um verbo intransitivo com morfologia tipicamente ativa. Se comparamos o exemplo (14b) *dje r-ea -ata* ‘eu desmaiei’ com o dado (a) *kudjemaé u-ata* ‘o homem andou’, percebe-se que (14b) tem um caráter mais descritivo que este último dado, ou seja, percebe-se que há a descrição de um evento em (14b) olho que gira e um caráter mais narrativo no dado (a). Desse modo, essa é uma razão bastante plausível que a língua utiliza para codificar o sujeito de um verbo intransitivo derivado pelo processo de IN, com concordância de pessoa inativa, mesmo que proveniente de um verbo intransitivo que antes dela funcionava com concordância ativa.

Cabe destacar que, em relação à incorporação de sujeito de verbo intransitivo com concordância ativa, observamos que apenas aqueles sujeitos expressos por nomes que designam parte do corpo se incorporaram, não tendo sido observado outros tipos de nomes na função de sujeito sendo incorporados, o que demonstra existir uma estreita relação entre nomes inalienavelmente possuídos e incorporação de sujeitos que precisa ser analisada mais detalhadamente na língua.

É relevante destacar ainda que as significações dessas construções são únicas e mesmo construções paralelas, sem a IN, terão significados distintos ou não recepcionados na língua, isto é, podem ser construções possíveis de serem obtidas, sendo, portanto, gramaticais do ponto de vista formal, mas não são utilizadas por seus usuários, o que vem reforçar a importância de se analisar fenômenos como este a partir de teorias funcionais que agreguem forma e significado.

6. Conclusão

A investigação da IN em Asuriní do Xingu revelou que esse fenômeno apresenta características comuns àquelas apontadas pela tipologia linguística, como pelo fato de ser a incorporação de nomes na função de objeto a mais recorrente, corroborando, assim, com o fortalecimento de



tendências linguísticas. Entretanto, revelou também que é possível a ocorrência da incorporação de sujeito intransitivo com concordância ativa, característica ainda analisada como escassa no seio da tipologia.

O processo de IN nessa língua apresenta resultados e funções distintas, conforme a natureza do nominal incorporado e do verbo incorporador. Um nome não possuído pode se incorporar a um verbo formando uma espécie de composição lexical. Já um nome possuído, como parte do corpo, ao se incorporar, apresenta as seguintes características: a) se o nominal incorporado ocupar a função de núcleo do SN que desempenha a função de objeto, altera também o foco da informação; b) se o nominal incorporado ocupa a posição de núcleo de sujeito de sentença intransitiva, imprime ao verbo uma semântica mais descritiva que narrativa, alterando radicalmente a marcação de pessoa do verbo derivado quando este, antes da incorporação, funcionava com concordância ativa, fazendo desaparecer a distinção morfossintática entre Sa e So, independentemente de sua procedência ser de Sa ou de So, ambos serão marcados com concordância inativa.

Finalmente, demonstrou-se que os efeitos da IN na língua podem afetar a sentença de várias maneiras, indo do plano da significação ao plano das relações morfossintáticas.

FINANCIAMENTO

Este trabalho não contou com o financiamento de nenhuma instituição de fomento à pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declara que não existem conflitos de interesses no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mark. **Incorporation: A theory of grammatical function changing.** (Ph.D. dissertation). University of Chicago, 1988.
- BAKER, Mark; Aranovich, Roberto; Golluscio, Lucia. Two types of syntactic noun incorporation: noun incorporation in Mapudungun and its typological implications. **Language** 81: 138-176, 2005.
- CASTRO, Ricardo campos (2020). Incorporação nominal e aspecto lexical em Tenetehára. **Liames** Campinas, SP, v. 20, 1-27, e020012.
- CORBERA MORI, Angel H. Uma breve abordagem tipológica dos processos de incorporação em línguas ameríndias. **Revista Língua Viva** 4: 1-21, 2014.
- CREISSELS, Denis. **Transitivity, valency, and voice.** Porquerolles-França: European Summer School in Linguistic Typology, 2016.
- DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. *In*: Noll, Volker & Wolf Dietrich (org.). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 9-25.



- DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, Alexandra Y. Introduction. *In*: R. Dixon & A. Aikhenvald (Eds.). **Changing Valency: Case Studies in Transitivity** (pp. 1-29). Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- GERDTS, Donna. B. Incorporation. SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (ed.). **The Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 1998.
- GOMES, Dionei Moreira. Incorporação nominal em Mundurukú (Tupí). **Ameríndia**, v. 1, n. 31:19-59, 2008.
- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. **Transitivity in grammar and discourse**. *Language* 56(2). 251-299, 1980.
- JENSEN, Cheryl. Tupí-Guaraní. *In*: R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 125-163, 1999.
- MITHUN, Marianne. The evolution of noun incorporation. **Language** 60(4): 847-894, 1984.
- PAYNE, Thomas E. **Describing morpho-syntax: a guide for field linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PEREIRA, Antônia Alves. Marcação de caso e funções sintáticas em Asuriní do Xingu. **Revista Moara** 58: 79-102, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v0i58.10851>>.
- ROSE, F. **Morphosyntaxe de L'emerillon: language tupí-guaraní de Guyane française**. Tese (Doutorado), França, Université Lumière Lyon 2, 2003.
- SAPIR, Edward. The problem of noun incorporation in American languages. **American Anthropologist** 13: 250 - 282. Nova Jersey: Wiley, 1911.
- SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000.
- SONG, Jae Jung. **Linguistic Typology: Morphology and Syntax**. Routledge, New York, 2014.
- VELAZQUEZ-CASTILLO, Maura. **The grammar of possession: inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.